

# LIBERDADE E FRATERNIDADE

## SOB O SINAL DO PÃO EM MARCOS 6–8

*Gilson Meurer\**

### **Resumo**

*Este artigo considera que a primeira multiplicação foi escrita para demonstrar que Jesus, pastor de seu povo, oferece ao povo da primeira aliança pão em abundância, cumprindo as expectativas messiânicas, e que a segunda multiplicação, após a queda dos muros de separação realizada no capítulo da viagem aos pagãos (c. 7), celebra o banquete universal do Messias, que congrega em uma fraternidade todos os povos. Para Marcos, somente existe fraternidade (como na segunda multiplicação), se houver liberdade diante dos preceitos excludentes do homem.*

**Palavras-chave:** *Marcos. Pão. Seção dos pães.*

### **Abstract**

This article considers that the first multiplication was written to demonstrate that Jesus, the shepherd of his people, offers to the people of the first covenant bread in abundance, fulfilling messianic expectations; and that the second multiplication, after the fall of the dividing walls realized in chapter 7 (the trip to the gentiles), celebrates the universal banquet of the Messiah, who congregates all peoples in fraternity. For Mark, there is only fraternity (as seen in the second multiplication), if there is freedom from the human excluding precepts.

**Keywords:** *Mark. Bread. Section of bread.*

### **1. Introdução**

Liberdade e fraternidade encontram expressão concreta em Jesus Cristo. Os evangelhos se tornam, por isso, verdadeiras cartas constitucionais da vida pautada sob a lei da liberdade e sob o jugo da caridade. No Evangelho de Marcos,

\* Mestre em Exegese Bíblica pelo Instituto Bíblico de Roma, e doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor titular na área Bíblica na Faculdade Católica de SC.

provavelmente o protoevangelho, encontramos diversos episódios que tipificam esses conceitos em gestos concretos de Jesus.

O Evangelho é uma narrativa onde essa prática vem entrelaçada em vista de conduzir seu destinatário, possivelmente residentes na capital do império romano, uma comunidade mista de judeus, helênicos, romanos convertidos ao cristianismo, vindos de toda parte, descontentes da vida egoísta e frenética, onde a escravidão dos pobres e dos não romanos, pautava o *modus vivendi* da grande cidade. Fraternidade e liberdade não eram colunas sobre as quais se construía a sociedade romana de modo geral. Privilégios maiores para a nobre casta, necessidade de organização própria para a população.

Uma nova sociedade, tendo o “pão” como uma pedra fundamental, foi-se alicerçando a partir da reflexão lançada pelo autor do primeiro evangelho. No Evangelho de Marcos, encontramos uma seção de 2 capítulos, já há muito conhecida por “sectio panis” (6,6b–8,26), em razão da concentração de 18 ocorrências do termo “pão” de um total de 21 do Evangelho<sup>1</sup>; são 7 perícopes: envio missionário (6,6b-13); primeira multiplicação dos pães (6,30-44); Jesus que caminha sobre as águas (6,52); discussão sobre as tradições judaicas (7,1-13); diálogo com a siro-fenícia (7,24-30); segunda multiplicação dos pães (8,1-10); viagem de barco para Betsaida (8,14-21). Marcar uma inteira seção do Evangelho sob um motivo manifesta um explícito interesse do evangelista em fazer sua comunidade refletir o significado, nesse caso, do “sinal do pão”<sup>2</sup>.

Dentro dessa seção ocorrem 2 multiplicações de pães. Por si só um episódio como esse já seria marcante. De fato, Lucas e João narram apenas uma multiplicação de pães, Mateus e Marcos narram duas. A multiplicação de pães é o evento mais vezes narrado pelos evangelhos, manifestando sua importância para a comunidade. Desde a Antiguidade as duas multiplicações de Marcos e Mateus são interpretadas como um convite à mesa, inicialmente para judeus, depois para pagãos<sup>3</sup>. O que podemos ainda observar melhor, é o percurso narrativo que se realiza entre uma (c. 6) e outra (c. 8), tendo como ponte o c. 7: o capítulo das discussões sobre alimentos puros e impuros, e o diálogo com uma pagã impura, tendo o pão como chave do diálogo. De fato toda a seção dos pães é uma autêntica catequese teológica, cristológica, eclesiológica, que tem o pão como linha mestra.

Neste artigo vou especular que a primeira multiplicação foi escrita para demonstrar que Jesus, pastor de seu povo, oferece ao povo da primeira aliança pão

1. As três outras ocorrências estão distantes desta seção: 2,26; 3,20; 14,22.

2. Este artigo traz elementos de minha tese doutoral pela Gregoriana: “No Sinal do Pão. Significado e função da *Sectio Panis* (6,6b–8,26) no Evangelho de Marcos”.

3. Já Orígenes considerava os dois milagres como o processo de concessão aos pagãos do dom da Palavra. S. Agostinho considerava que a primeira multiplicação era a salvação concedida aos judeus, e a segunda aos pagãos, cf. G.H. Boobyer, “Miracle of the Loaves”, 77.

em abundância, cumprindo as expectativas messiânicas, e que a segunda multiplicação, após a queda dos muros de separação realizada no capítulo da viagem aos pagãos (c. 7), celebra o banquete universal do Messias, que congrega em uma fraternidade todos os povos. Para Marcos, somente existe fraternidade (na segunda multiplicação) se houver libertação dos preceitos excludentes do homem.

## 2. O pão do pastor aos filhos

O episódio, mais comumente chamado de “multiplicação dos pães”, em sua primeira ocorrência dentro do Evangelho de Marcos (6,30-44)<sup>4</sup>, possui uma série de elementos que o caracterizam como um banquete messiânico voltado ao povo da primeira aliança, cumprindo as promessas do encontro do Pastor com seu povo. Esses elementos são observados na geografia (ambiente), no modo de caracterizar os personagens, no tratamento dado aos números dentro dessa perícopes.

Na ambientação do episódio, Marcos relata que Jesus convidou seus discípulos, após o retorno da missão, a repousarem em um lugar deserto (6,31). A referência ao “deserto” como “lugar teológico”, em explícita conexão com o Êxodo, é especialmente descrito na introdução do Evangelho (1,1-14): onde o profeta João Batista anuncia e batiza (1,3-4); onde Jesus transcorre 40 dias (1,13). Além disso, esse é também o espaço de solidão para a oração de Jesus (1,35), para refúgio da fama que o impedia de entrar nas cidades (1,45). Nessa perícopes, o deserto é o lugar de repouso e de encontro com a multidão.

Esse ambiente é caracterizado por uma nota particular do evangelista: a presença de uma “relva verde” (*klōrō hortō*, 6,39). Na Palestina em geral, a única estação para encontrar relva verde nos lugares desérticos era a primavera. Por isso, essa expressão é uma sutil referência à Páscoa e ao Êxodo, evento e festa primaveris. A nota reforça, e vamos ver em seguida, a caracterização de Jesus como “pastor”. O leitor competente de Marcos logo associa o lugar verdejante e de repouso com o salmo 23 (LXX 22), que apresenta a idílica imagem do “lugar verdejante” (*tópon klóes*) no qual o pastor “se estabelece” (literalmente: “assenta a tenda”, *kateskénosen*) e conduz às águas “repousantes” (*anapáuseos*, Sl 23,2. cf. *anapáusesthe* de Mc 6,31). Nesse espaço, um deserto verdejante, lugar de repouso e alimento, evoca-se a esperança dos tempos messiânicos, onde a própria natureza se renova (Is 22,15; 35,1; 41,19; 43,20).

Os personagens dessa unidade narrativa são Jesus, os discípulos e a multidão. A multidão é um aglomerado anônimo de gente que acorre de “todas” as cidades (6,33). O narrador mostra seu ponto de vista ao caracterizar a multidão

4. É vasta a bibliografia que estudou a multiplicação dos pães do ponto de vista histórico-crítico, quase sempre considerando-os um evento só, e duplicado dentro dos evangelhos de Marcos e Mateus. Uma versão teria sido composta por/para uma comunidade palestinese e, a outra, helênica. Quase todos os comentários acenam para isso.

como “ovelhas sem pastor” (6,34). Essa situação, tantas vezes denunciada pelos profetas (Ez 34,5; 1Rs 22,17), é insinuada como fruto do abandono por parte de suas autoridades. Com efeito, poucas linhas atrás, Marcos narrara o banquete do rei Herodes (6,14-29), “rei” pouco atento às mazelas do povo que governa.

Jesus, ao contrário, manifesta toda a grandeza de seu coração e a natureza de sua missão ao “sentir compaixão” e “começar a ensinar” (6,34). A “compaixão”<sup>5</sup> de Jesus manifesta sua identidade, pois a “compaixão” pelo povo é, no Antigo Testamento, uma qualidade típica de Deus (Is 54,7-8; Sl 86,15; 111,4; 112,4; 145,8). Mais do que um sentimento, essa é uma nota que corrobora a visão messiânica que Marcos tem de Jesus, manifestação do rosto misericordioso de Deus<sup>6</sup>.

O primeiro gesto concreto de fraternidade é o ensino (*didáskein*)<sup>7</sup>. O primeiro pão que Jesus oferece é o da Palavra. Com ensino, Jesus está trazendo fé e esperança para esse povo desmazelado, e abrindo seus olhos para entender que um novo tempo se aproximou.

O autor do Evangelho faz questão de lembrar os números que envolvem o episódio: 5 pães, 2 peixes, grupos de 50 e de 100, 5.000 homens, 12 cestos. Eles devem ser interpretados com cautela para evitar alegorismos arbitrários, mas sua recorrência contínua não passa despercebida aos ouvidos da assembleia. O número 5, ao longo da história da interpretação do texto, foi sempre associado ao Pentateuco de Moisés, a Torah<sup>8</sup>. Nesse contexto, onde Jesus ofereceu primeiro ensino, partilhar agora entre todos 5 pães, possui importante tonalidade messiânica para o povo eleito, e sinaliza a chegada do Messias que repete as ações amorosas de Deus ao longo dos séculos, no deserto, o Êxodo, o dom do maná, pão do céu<sup>9</sup>.

Outro sinal de banquete messiânico se dá no fim, quando “todos comeram e se saciaram”, sem exceções, sem exclusões e sem carência. Temos o cumprimento

5. A reação de Jesus (aoristo de *splanchnízomai*) literalmente significa “movido em suas entranhas”, e exprime um forte sentimento, quase maternal, de amor e piedade.

6. Por toda a parte nos sinóticos o verbo tem conotação messiânica, pois somente Jesus manifesta compaixão, como em Mc 1,42; 6,34; 8,2; 9,22; Mt 14,14; 20,34. Em cada caso, nós não vemos tanto a descrição da emoção humana quanto uma caracterização messiânica. Cf. tb. Lc 7,13t, cf. H. Köster, “splanchnon”, *TDNT*, II, 548-559 (tradução minha).

7. Essa é uma nota exclusiva de Marcos. Em Mateus, Jesus cura os doentes (Mt 9,14); em Lucas, Jesus ensina e cura (Lc 9,11). Parece que Lucas reúne as reações de Jesus descritas em Mc e Mt.

8. Os dois peixes são arbitrariamente associados ao binômio profetas-salmos, ou profetas-escritos, cf. A. Seethaler, “Die Brotvermehrung: Ein Kirchenspiegel?”, 111.

9. Sb 16,20-21: Deus, que dá a sabedoria, é o mesmo que deu o maná ao povo no deserto; Sir 24,19-21: “Vinde a mim vós que me desejais, e vos saciareis com os meus frutos”; Jr 15,16: “quando se me apresentavam as tuas palavras, eu as devorava”; Dt 8,3: “O Senhor te alimentou com maná para ensinar que não só de pão vive o homem, mas da palavra que sai da boca de Deus viverá o homem”. Os motivos maná/compreensão integrados encontram-se na Didaqué 10,2; Philon, cf. P.J. Borgen, *Bread from Heaven*, 99-146; J. Marcus, *El Evangelio*, 474. E na tradição rabínica: Gen. Rab. 436; 54,1; 70,5, cf. H.L. Strack – P. Billerbeck, *Kommentar*, II, 433ss.

das promessas no qual a fome seria extinta nos tempos messiânicos<sup>10</sup>. O próprio número doze de cestos que sobram reforçam o dom total a todas as tribos de Israel, representadas pelos doze discípulos. Cada discípulo recebendo um cesto cheio de pão, é sinal daquela abundância futura prometida para as doze tribos.

Para Marcos não existe dúvida de que Jesus é o Pastor messiânico que oferece o alimento do ensino e do pão, em reminiscência da providência de Deus no deserto, realizando as promessas sonhadas pelo povo judeu. Os dons são abundantes, todos comem e sobram, sinal de cumprimento das promessas, bem como sinal de que também podem partilhar.

### 3. A libertação da Palavra

Em seguida, no início do capítulo 7, Jesus se confronta com as autoridades judaicas vindas de Jerusalém, que questionam o fato dos discípulos comerem pão sem lavar as mãos. Da parte das autoridades, nenhuma exclamação de alegria ou reconhecimento do sinal messiânico, apenas preocupação pelo não cumprimento de regras alimentares.

A resposta de Jesus versa sobre a centralidade da Palavra de Deus, sobre sua preeminência sobre os preceitos humanos. A Palavra de Deus liberta e deve ser a inspiração das leis, regras e preceitos humanos, e não cancelada por eles. A “libertação da Palavra” possui, pois, o duplo sentido que também esta foi libertada por Jesus das amarras de preceitos humanos. A discussão, que envolve autoridades, o povo e, depois, os discípulos em particular, conclui-se com o importante adágio: “não é o que entra (alimento) que torna a pessoa impura, mas o que sai do seu coração (pensamento, intenções) que a tornam impura” (7,15.18.20). Pureza e impureza religiosa, portanto, não são questões de tradições ou alimentos para a comunidade cristã. Regras higiênicas não definem a santidade de alguém e, logo, sua inclusão ou exclusão da relação com Deus e pertença ao povo. Quão significativa essa passagem para uma comunidade cristã mista, onde, semanalmente, eram chamados judeus e pagãos a sentarem-se juntos para a “fração do pão”.

Passada a discussão, Jesus viaja para uma região estrangeira, terra de “gente impura”, “cães”, como os mais avessos aos pagãos os intitulavam. Ao seu encontro, rompendo barreiras, vem uma mulher siro-fenícia, grega de nascimento (a condição estrangeira dessa mulher é bem reforçada por Marcos). Essa mulher tinha uma filha possuída por um “espírito impuro” (7,29).

Ela manifesta toda reverência que as autoridades não demonstraram pelo Messias: prostra-se diante dele e o chama de *kyrios* (7,25.28). O seu reconhecimento do Messias, bem como o reconhecimento que os filhos nada perdem pelo

10. Jr 31,14 (LXX 38,14); Sl 22,26; Sl 36,19; Is 65,13. A multiplicação responde às esperanças de uma repetição da experiência do maná, cf. J.B. Gibson, “The Rebuke”, 43 (nota 24).

fato dos “cãezinhos” comerem das migalhas que caem da mesa deles, manifesta a grande fé daquela mulher em Jesus, o doador dos dons e graças ao povo; bem como a precedência do povo de Israel no cumprimento das promessas; mas, sobretudo, no novo tempo messiânico que inclui também os pagãos na mesa do Reino.

A partir desse diálogo, o Reino se aproximou (cf. 1,15) também aos pagãos, pois agora eles são filhos prontos para receberem o ensinamento e o pão oferecidos pelo Messias. É nesse sentido que se pode compreender a cura do surdo-gago logo após o diálogo com a siro-fenícia (7,31-37). Essa cura, na região da Decápole, abriu os ouvidos e desatou a língua de um pagão e, como consequência, todo o povo soltou a voz para proclamar como “ele tem feito bem todas as coisas, fez os mudos falar e os surdos ouvir” (7,37). Uma autêntica aclamação messiânica feita pelos pagãos, antes considerados surdos à Revelação de Deus, e incapazes de professar suas verdades. Esse gesto de Jesus certamente se torna uma autorização “pós-pascal” para a acolhida dos pagãos nas comunidades cristãs.

Esse capítulo tem a importante função de fazer uma ponte entre as duas multiplicações e, por assim dizer, uma verdadeira ponte entre os povos da primeira e da eterna aliança.

#### 4. O pão do Messias universal

Construída a ponte ou, melhor dizendo, aplainado o caminho, pois a viagem aos pagãos foi totalmente por terra, a segunda multiplicação apresenta-se como a celebração do banquete universal, onde todos se saciam do mesmo pão oferecido pelo Senhor. Novamente, os elementos que caracterizam esse banquete como tal, são o ambiente, a caracterização dos personagens, sobretudo da multidão, e os números dessa refeição.

Em relação ao ambiente, não é simples situar o local da segunda multiplicação. A indicação geográfica anterior à segunda multiplicação fala de uma viagem de Tiro, “através de Sidônia ao Mar da Galileia no meio da região da Decápole” (*élthen dià Sidônos eis tèn thálassan tês Galilaiás anà méson tòn horíon Dekapóleos*, 7,31). Embora passível de outras interpretações, o senso melhor da frase parece indicar que Jesus permaneceu na Decápole, junto ao Mar da Galileia. Favorece essa interpretação o fato de que ele, após a refeição, toma o barco e navega para território judaico, a Dalmanuta (8,10). Na verdade, somente Marcos conhecia essa “Dalmanuta”, *hapax legomenon* em toda Escritura, mas a presença dos fariseus faz supor tratar-se de terras judaicas. Isto posto, todo o arco 7,24–8,10 deve ser considerado em terras pagãs. O diálogo com a siro-fenícia, a cura do surdo-gago, a segunda multiplicação dos pães, quanto parece, aconteceram em terras pagãs.

A caracterização da multidão nessa multiplicação é diferente da primeira. Não são “ovelhas sem pastor”, mas gente que veio “de longe” (*makróthen*). Quem

são esses “de longe”? Esses podem indicar os judeus da diáspora, cujo retorno de terras distantes era uma esperança messiânica (cf. LXX Is 60,4: *idoù hékasin pántes hoi huioí sou makróthen*). Mas, nesse contexto, os “de longe” deve indicar os pagãos. De fato, essa expressão alude aos pagãos tanto no Antigo (Js 9,6.9; Tb 13,11; Zc 6,15; Is 2,1-4; 39,3; 49,12; 60,2-22; Mq 4,13; Sl 71,10) quanto no Novo Testamento (“os magos” em Mt 2,2.12; “os gregos”, Jo 12,20; At 2,39; Ef 2,13-17). Reforça a universalidade da multidão o fato do evangelista não qualificá-la no final dessa perícopes, diversamente da primeira multiplicação, quando a multidão foi caracterizada de forma bem precisa, “5.000 homens” (6,44). Dessa vez, o evangelista deixa aberto para uma verdadeira multidão de todas as etnias, idades e gênero participarem do banquete universal.

Os números dessa multiplicação, 7 e 4 (4.000), também são caracterizadores de uma comunidade gentia e acenam para o banquete universal. Embora o número 7 também seja muito associado ao povo judeu, no livro do Gênesis elencam-se as populações do mundo como um total de 70 nações (Gn 10), e sete são as nações que ocupam a terra prometida, com as quais o povo eleito não podia fazer qualquer aliança e nem ter piedade (cf. Dt 7,1-2)<sup>11</sup>. Os 7 pães, bem como os 7 cestos de pães que sobram, são sinais desse banquete messiânico e universal, onde plenifica-se o projeto de Deus de reunir todos os povos em um banquete onde todos se alimentam, e ainda sobra.

O número 4 (multidão de 4.000, na perícopes) parece aludir aos “4 polos” do mundo, ou, como se exprime Marcos, aos “4 ventos” (cf. Mc 13,27)<sup>12</sup>.

Por essa multidão, também Jesus sente compaixão, pois o acompanham por três dias (*hemérai treís*). “Três dias” com uma multidão é um dado novo e chama a atenção. Em nenhuma outra situação a multidão esteve, aparentemente, mais do que algumas horas ou uma jornada com Jesus (cf. 4,35; 6,34-35). Notável esse nível de interesse entre Jesus e a multidão. Entre eles existe um relacionamento relevante que vai além de um grupo de curiosos que se entretêm para escutar um discurso.

O número “três” possui notáveis conotações simbólicas, que não escapam ao leitor competente. Somente em Marcos, Jesus anuncia “3 vezes” que deve ir a Jerusalém, morrer e ressuscitar no “terceiro dia” (8,31; 9,31; 10,34). Na seção da Paixão, o motivo do destruir o templo e reconstruí-lo em “três dias” sinaliza a razão pela qual Jesus é condenado à morte (14,58; 15,29). Estar com Jesus “três dias” representa a fidelidade da multidão a Jesus até o fim: um encontro

11. “As sete nações mais numerosas e poderosas do que tu: heteus, gergeseus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus, jebuseus” (Dt 7,1).

12. O número 4 representa os 4 pontos cardeais, e multiplicado por 1.000, é número de totalidade, representando toda a Igreja universal que reúne gente de todos os cantos do mundo, cf. A. Seethaler, “Die Brotvermehrung: Ein Kirchenspiegel?”, 108.

entre o Cristo ressuscitado e a nova comunidade em seu banquete universal<sup>13</sup>. Esse número porta ainda um sentido de epifania, pois no terceiro dia aconteceu a manifestação de Deus no Monte Sinai (Ex 19,11.15.16), sendo esse banquete, igual manifestação poderosa e misericordiosa do Senhor. Oseias profetiza que no terceiro dia Deus irá levantar o povo da sua aflição (Os 6,2), tal como esse povo, após saciar-se de pão, levanta-se para seguir sua viagem a terras distantes.

Convém trazer um interessante episódio do livro de Josué que narra os primeiros contatos com os pagãos após o êxodo, na conquista da terra prometida sob a liderança de Josué<sup>14</sup>. Trata-se do episódio em que Josué (*Iésous*) estabelece uma aliança com os gabaonitas, povo estrangeiro (Js 9).

Depois que Josué e seu exército tomou e destruiu Jericó e Hai, os reis que estavam aquém do Jordão (heteus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus, jebu-seus) se aliaram para enfrentar os israelitas. A população de Gabaon, que habitava a noroeste de Jerusalém cerca de 4/5km, tremeu por causa das vitórias de Josué e por isso recorreram à astúcia: vestiram-se de gente pobre, sandálias usadas, levaram pão seco e duro e se apresentaram aos líderes de Israel como “gente de longe” (*ek gês makróthen hékamen*, Js 9,6), que estavam naquela situação por causa do *longo caminho* (*apò tês pollês hodoû sfódra*, 9,13), mas que gostariam de estabelecer uma aliança com Israel. Como os israelitas não deviam fazer nenhuma aliança com os povos da terra onde estavam para entrar (cf. Ex 34,12)<sup>15</sup>, os gabaonitas “simularam” vir de longe. Os notáveis de Israel comeram desse pão (Js 9,14: como sinal de aliança) e juraram conservar-lhes a vida. Mas, “três dias” depois de terem feito aliança (*kai egéneto metà três heméras*, Js 9,16), os israelitas descobriram que eram vizinhos. Então, partiram do acampamento e chegaram a Gabaon no “terceiro dia”. Ficaram indignados por essa astúcia em “roubar” uma aliança, pois assim ficaram obrigados a poupar-lhes a vida; porém os submeteram como rachadores de lenha e carregadores de água de toda a comunidade de Israel, isto é, como escravos.

Na segunda multiplicação dos pães, é Jesus que toma a iniciativa de partilhar o pão, para fazer desse povo verdadeiros comensais à mesa do seu Reino.

13. Cf. A. Shaw, “The Marcan Feeding Narratives”, 271. O banquete no terceiro dia é um pré-anúncio de uma missão pós-pascal, cf. C. Focant, “La fonction narrative”, 215.

14. Sobre isso afirma Derrett que as duas multiplicações estão em relação com os eventos narrados em Js 1–10. Quando o povo entra na terra prometida o maná cessa de cair e se alimentam pela primeira vez dos frutos da terra de Canaã (Js 5,12). As multiplicações representam, pois, esse alimento novo que o Senhor doa ao seu povo que caminha rumo à verdadeira terra prometida do céu. A propósito, em Js 8,12 narra-se que Josué tomou 5.000 homens para invadir a cidade de Hai. Assim, os 5.000 homens alimentados por Jesus no deserto representam o novo povo de Deus recrutado e alimentado a fim de ingressar no Reino que Jesus apresenta, cf. J.D.M. Derrett, “Crumbs in Mark”, 14-19.

15. “Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que não te sejam uma cilada. Ao contrário, derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas e os seus postes sagrados” (Ex 34,12-13).

Não como escravos, mas como pessoas livres, destinatários também de receber os dons das promessas.

## 5. Conclusão

Marcos instrui seu leitor a respeito de uma economia de salvação que manifesta, primeiro ao povo eleito, as realizações messiânicas, e depois a todos os povos as promessas de universalidade. No episódio da siro-fenícia, Jesus afirma que “primeiro se saciam os filhos” (7,27), mas não fecha as portas para que, enfim, se saciem todos que se aproximam da mesa<sup>16</sup>. Essa progressão da revelação é um tema paulino, que trata em diversas passagens da precedência dos judeus na economia da salvação, mas observando, em seguida, que ela também se oferece a todos os povos, porque toda barreira de divisão foi derrubada pela cruz de Cristo (cf. Rm 1,16; 2,9-10; 3,29; 4,9; Ef 2,13-16). Também os sinóticos abordam essa temática (Mt 10,5s; 15,24; e Jo 4,22; At 13,5). Enquanto Paulo sublinha a cruz de Cristo como “ponte” entre os povos, Marcos apresenta o “pão” como convite à comunhão entre os povos de perto e os de longe. Na mesa de Cristo, com o pão que ele partilha, todos são filhos, todos se saciam e ainda sobra para tantos outros que quiserem vir.

## Referências

- BOOBYER, G.H., “Miracle of the Loaves and the Gentiles in St Mark’s Gospel”, *SJT* 1/6 (1953) 77-87.
- BORGEN, P.J. *Bread from Heaven – An Exegetical Study of the Concept of Manna in the Gospel of John and the Writings of Philo*. Leiden, 1965.
- DERRETT, J.D.M. “Crumbs in Mark”, *DR* 102/346 (1984) 12-21.
- FOCANT, C. “Mc 7,24-31 par. Mt 15,21-29. Critique des sources et/ou étude narrative”, in C. FOCANT (ed.). *The Synoptic Gospels. Source Criticism and the New Literary Criticism*, *BETHL* 110. Leuven, 1993, 39-75.
- \_\_\_\_\_. “La fonction narrative des doublets dans la section des pains Mc 6,6b-8,26”, in C. FOCANT (ed.). *Marc, un Évangile étonnant: Recueil d’essais*, *BETHL* 194, Leuven – Paris – Dudley, 2005, 205-229.
- GIBSON, J.B. “The Rebuke of the Disciples in Mk 8:14-21”, *JSNT* 27 (1986) 31-47.
- KÖSTER, H. “σπλάγγων”, *TDNT*, II, 548-559.

16. A siro-fenícia fala dos cãesinhos debaixo da mesa (7,28), próximos, dentro de casa, e não de cães selvagens. Uma visão positiva dos pagãos que se aproximam, que procuram, que têm fome de salvação, e que não podem retornar senão depois que saciados, cf. C. Focant, “Mc 7,24-31”, 67.

MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos*. Salamanca, 2010.

SEETHALER, A. “Die Brotvermehrung: Ein Kirchenspiegel?”, *BZ* 34 (1990) 108-112.

SHAW, A. “The Marcan Feeding Narratives”, *CQR* 162 (1961) 268-278.

STRACK, H.L. – BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* – Das Evangelium nach Markus, Lukas und Johannes und die Apostelgeschichte, II. Munique, 1924.

*Gilson Meurer*

Rua Dep. Antônio Edu Vieira 1.524. FACASC

Pantanal. CP n. 5041

88040-001 Florianópolis, SC

*gilmeurer@gmail.com*